

# 'Minhas obras são meio caóticas'

(Continuação da página 7)

## O livro

[Sobre o livro com desenhos de Grassmann lançado pela Editora da Unicamp em coleção coordenada por Lygia Eluf]. Fico encabulado em falar das coisas feitas sobre a minha obra ou sobre mim – seja livro, crítica, premiação ou debate. Acho que a minha função morre depois de realizada a obra. No mais, fico feliz que as pessoas gostem ou divulguem meus trabalhos. Em meio a tanto caos, aparece uma coisa que pelo menos vai na contramão do que está sendo produzido. Na verdade, sinto um certo prazer em saber que eu não estou completamente esquecido...

Quando sai um livro como este, me tranquiliza o fato de não haver intenção de desperdiçar o tempo com análises, interpretações históricas. O que eu acho importante nas tentativas é o prazer de criar – este verbo é muito amplo. E a preocupação do artista hoje em dia é fazer, mais propriamente do que criar, que é um fenômeno que ocorre se houver algum talento por trás. Não deve haver a pretensão de ter a marca “minha obra”. Tanto que eu evito, ao máximo, colocar muitos textos em minhas imagens. Se elas não disserem o que eu pretendia dizer, não é um título que vai esclarecer ou induzir as pessoas a sentirem a mesma coisa, a participarem do trabalho, a entenderem. Mesmo que entender não signifique gostar, participar; é possível entender sem gostar, divergindo. Portanto, acredito que deixar em aberto é melhor do que tentar esclarecer, como se fosse um quebra-cabeça no qual as coisas vão se encaixando. Minhas obras não se encaixam, são meio caóticas. Até diria que caem do nada, do céu – ou do inferno... Não existe um projeto, embora eu não despreze a minha formação – em certo sentido, ela é muito mais importante do que a minha realização.

## Sem futuro

O entusiasmo acerca de um trabalho pode resultar em auto-censura. Vou botar um caco na conversa. Há alguns anos, um artista amigo insistia muito em debater o meu trabalho, meu sucesso – ou meu insucesso. Quis mostrar a ele que não estava muito preocupado com isso. Disse uma frase absolutamente grosseira, mas muito sincera: “olha, eu não quero competir com você, quero competir com Rembrandt”. Ele ficou muito chateado. Por isso, acho que aqueles grupinhos que se formam, de identificação mútua, e ao mesmo tempo de autoelogio, são algo que não têm futuro.

## Cinema

Vejo hoje que *Nosferatu*, do [Friedrich Wilhelm] Murnau [1888-1931], me impressiona muito mais profundamente do que todos os recursos do cinema posterior.

## Museus x arquitetos

Não posso me furtar em dizer coisas chatas. Acho que os arquitetos nunca tiveram peito para enfrentar o escritório do Oscar Niemeyer. Gostaria muito de ir com ele ao Pavilhão da Bienal. Querida que ele subisse aquela rampa... Os arquitetos projetam museus que não cumprem sua função. Eles são bonitos para olhar – o de Curitiba é um exemplo –, mas não para expor arte. Não há preocupação com o público e as obras de arte.

Muitos arquitetos bolam umas formas, mas não sabem colocar uma janela. E isto, principalmente no caso dos museus, é necessário. Os museus são problemáticos. Eu não vejo esse casamento dando certo. O Louvre pode até ser “perdoado”, pois não foi feito para ser museu. Era um palácio. Mas o que é feito para ser museu, e depois passa por adaptações com cubículos para mostrar as obras, atropela todo o espírito da arte. A maneira de ver conta muito na hora da exposição.

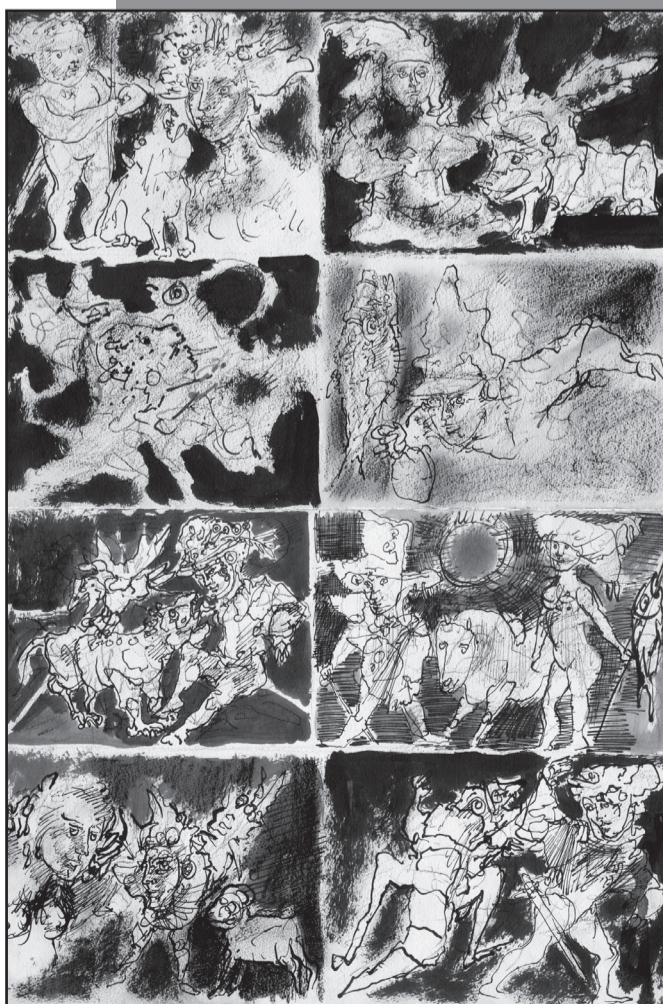
## Unidade temática

Não dá para inventar muito. A vantagem que eventualmente posso ter sobre certos gravadores é que lancei mão de várias técnicas. Este recurso ampliou não só o aspecto criativo, mas inclusive o próprio alcance da técnica.

## Contato humano

Até os anos 1950, era muito fácil conviver com artistas e intelectuais. Ao longo de minha adolescência e juventude, era mais difícil não conviver. Encontrar com um Flávio de Carvalho [1899-1973] na rua, por exemplo, era fácil, assim como trocarmos impressões sobre nossos trabalhos. Havia uma coisa que se perdeu, que hoje em dia está muito degradada, que é o contato humano. E o artista tem um problema sério: quando você não vai a uma exposição, por quaisquer razões, ele logo lhe cobra por vê-lo em outra mostra. É como se houvesse a obrigação de ir, de ter uma vida social. A cada contato coletivo, sinto que fiz muito bem em me afastar. Morei durante um tempo em São Lourenço da Serra, onde tinha uma chacinha. Era um buraco no meio do mato. Eu

Obras de Marcello Grassmann que integram a Coleção Cadernos de Desenho, coordenada por Lygia Eluf



mesmo fazia tudo: cuidava da parte elétrica, hidráulica...

## Guerra e paz

Todas as exposições hoje se parecem muito. A busca da originalidade deu nisso. Cada um se acha mais original que outro. Essas propostas não me emocionam. São tentativas que caem no vazio porque fica óbvio o tipo de proposta que está sendo levantado, que nada mais é que explorar o aspecto novo de uma coisa bem velha, que é o mundo como ele se apresenta, cheio de contradições. Guerra e destruição, por exemplo, são dois desses filões. Ao longo da história, todas as guerras e batalhas foram registradas; antes, porém, privilegiava-se o heroico – ou o pseudo-heroico.

## Vultos da história

Convivi com gente tão boa, que não teve prestígio nenhum, que se eu falar nomes você vai me perguntar quem são. Num certo sentido, acho que algumas pessoas tiveram uma presença muito forte na arte brasileira. Não vou falar em [Cândido] Portinari [1903-1962], porque todo artista oficial está condenado à morte, porque ele é obrigado a fazer alhos e bugalhos... Na verdade, Portinari e Di Cavalcanti foram eleitos os grandes pintores, ao passo que o Flávio de Carvalho pouca gente conhece. E tem muitos outros. [Aldo] Bonadei [1906-1976] teve um período muito bom. O mesmo aconteceu com [Alfredo] Volpi [1986-1988], até os concretistas dominarem o mercado. Hoje, o mercado está todo contra tudo isso. O mercado, hoje, é qualquer coisa que se queira inventar.

Conheci um Volpi que pintava fachadas de casas. Bonadei costurava. Eu não frequentava o [Grupo] Santa Helena, porque eles eram famosos e eu era moleque. Famosos como grupo, porque nessa época ninguém vendia nada. Para se ter uma noção, você comprava um quadro do [Giorgio] Morandi [1890-1964] pelo preço de um quadro do Di Cavalcanti. E o pessoal trazia para vender aqui porque na Europa não tinha mercado, em razão da guerra.

## Borges

Tive um contato com o [Jorge Luis] Borges [1897-1986] no Largo do Arouche, perto do hotel em que ele estava hospedado. Falamos sobre um livro dele que eu ia ilustrar. Ele, já cego, me perguntou como seriam as ilustrações. Ainda indagou: “não é nada de ficção científica, não, né?”. Falei que não era. Foi feita uma tradução muito boa por um amigo que já morreu, Marcelo Corção, carioca, sobrinho do Gustavo Corção, este tido à época como reacionário – todo mundo enchia saco do Marcelo por causa disso... Ele fez uma tradução fantástica.

O contato foi intermediado pelo Giuseppe Baccaro, um cara que merecia uma biografia. Ele veio da Itália em 1951 como jornalista, para a primeira Bienal de São Paulo. Instalou-se como marchand e ficou fuçando toda a história da arte brasileira. Ele recuperou tudo da Tarsila do Amaral [1886-1973], do Ismael Nery [1900-1930], de quem chegou a ter 300 trabalhos. Baccaro é o grande responsável por todas essas coisas que estão aí no mercado. Não apenas procurou, como ressuscitou todo mundo. Ele é quem queria imprimir o livro do Borges. Para a empreitada, comprou toda uma coleção de tipos e prensas de uma certa Sociedade do Centro de Geófilos do Rio de Janeiro. Ele queria que as crianças de Olinda trabalhassem como tipógrafos. Deu tudo errado.

## Hoje

Estou meio debilitado, minha mão já não é mais a mesma coisa. É preciso me poupar, porque chega uma hora em que fica mais difícil fazer as coisas. A última vez em que desenhei seriamente, empolguei-me e fiquei uma hora e tanto em pé. Ao acabar, minhas pernas pareciam que tinham virado chumbo. Tenho um problema chamado mielomalácia, que vai, aos poucos, amortecendo a parte central dos reflexos que vêm dos pés e vão para a cabeça. Sinto dificuldade em andar, em me equilibrar. Sou meio inválido.